

# UMA RASTEIRA NO PRECONCEITO RACIAL E DE GÊNERO NO JOGO DA CAPOEIRA

DR. JOSÉ LUIZ CIRQUEIRA FALCÃO

Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia – UFBA  
Professor aposentado da Universidade Federal de Goiás – UFG

MS. HEMANUELLE DI LARA SIQUEIRA JACOB

Mestra em Ensino na Educação Básica pelo  
Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada – CEPAE  
Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em  
Educação pela Universidade Federal de Goiás – UFG  
Professora efetiva e regente da Secretaria Estadual de Educação de Goiás – GO

LOURIVAL FERNANDO ALVES LEITE

Mestre de Capoeira

**Resumo** | A capoeira, como muitas outras artes de combate, tem sido historicamente dominada por homens. Em sua prática cotidiana são verificadas situações de preconceito e de discriminação que refletem os traços mais amplos de uma sociedade machista e patriarcal. A capoeira, assim como muito esportes e artes marciais, fortalece a desigualdade de gênero quando enfatiza a força física e a agressividade como qualidades masculinas. Diante do exposto, nossa contribuição para este Dossiê consiste no relato de uma experiência a partir de uma entrevista com Mestre Pop que, por sua vez, traz importantes reflexões para a ampliação do entendimento acerca das manifestações de discriminação e de preconceito relacionados a gênero, à homofobia, à xenofobia, ao adultocentrismo e às deficiências.

**Palavras-chave** | Capoeira; Gênero; Racismo.

## A TAKEDOWN ON RACIAL AND GENDER PREJUDICE IN THE GAME OF CAPOEIRA

**Abstract** | Capoeira, like many other combat arts, has historically been male-dominated. In its daily practice, situations of prejudice and discrimination

are verified, as they reflect the broader traits of a macho and patriarchal society, such as the Brazilian one. Capoeira, like many sports and martial arts, reinforces gender inequality when it emphasizes physical strength and aggressiveness as masculine qualities. Given the above, our contribution to this Dossier consists of reporting an experience based on an interview with Mestre Pop who brings important reflections to broaden the understanding about the manifestations of discrimination and prejudice related to gender, homophobia, xenophobia, adult-centrism and disabilities.

**Keywords** | Capoeira; Gender; Racism.

## UNA “RASTEIRA” AL PREJUICIO RACIAL Y DE GÉNERO EN EL JUEGO DE CAPOEIRA

**Resumen** | La Capoeira, como muchas otras artes de combate, ha sido históricamente dominada por hombres. En su práctica cotidiana existen situaciones de prejuicios y de discriminación verificadas que reflejan los trazos más amplios de una sociedad machista y patriarcal. La capoeira, así como muchos deportes y artes marciales, fortalece la desigualdad de género cuando enfatiza la fuerza física y la agresividad como cualidades masculinas. Frente a lo expuesto, nuestra contribución para este Dossier consiste en el relato de una experiencia a partir de una entrevista con Mestre Pop que, en esta oportunidad, trae importantes reflexiones para la ampliación del entendimiento acerca de las manifestaciones de discriminación y de prejuicio relacionados al género, la homofobia, la xenofobia, el adultocentrismo y las discapacidades.

**Palabras clave** | Capoeira; Género; Racismo.

## INTRODUÇÃO

*“Depois que eu adquiri uma consciência mais crítica, eu me dei conta de que aquilo era um racismo escancarado”*  
Mestre Pop

Este relato de experiência integra o Dossiê “Os Racismos da/ na Capoeira: Raça, gênero, homofobia, xenofobia, adulto centrismo e deficiências”, que, por sua vez, problematiza, por meio de entrevistas, as percepções e atuações de lideranças da capoeira acerca das diversas formas de preconceitos e discriminações que ocorrem nesse contexto.

Neste relato de experiência entrevistamos o mestre Pop, de Florianópolis-SC, um dos pioneiros no ensino-aprendizagem da capoeira no Estado de Santa Catarina. A entrevista foi realizada por intermédio do aplicativo *messenger* da plataforma *facebook* no dia 14 de abril de 2023. Em seguida, foi transcrita e editada com a finalidade de facilitar a exposição das ideias tratadas. Posteriormente, a entrevista foi devolvida ao entrevistado para checar a veracidade e a fidedignidade da transcrição.

Os eixos centrais da entrevista consistiram na identificação de situações de preconceito e discriminação na trajetória na capoeira do mestre Pop, bem como, a elucidação de possíveis estratégias de enfrentamento dessas situações.

A partir de uma perspectiva crítica do conhecimento, procuramos compreender como a materialidade se expressa na subjetividade das construções históricas e esse entendimento é fundamental para fazermos uma análise crítica da narrativa do entrevistado.

## **ENTRE O TEXTO E O CONTEXTO**

Lourival Fernando Alves Leite, conhecido como Mestre Pop, um dos percussores do ensino da capoeira de Florianópolis-SC, iniciou a prática da capoeira em 1973, em Campo Grande - sua terra natal, com mestre Gato de Sinhá, e logo em seguida, em 1974, com mestre Fernandinho, com quem permaneceu por cerca de quatro anos, até ir morar no sul do Brasil. Em 1977 passou a ministrar aulas de capoeira no Educandário 25 de Novembro em Florianópolis, para meninos internos da instituição, onde permaneceu por 5 anos. Em 1979 fundou a primeira academia de capoeira de Santa Catarina: Academia Berimbau de Ouro.

No final de 1983 fundou o Grupo Nação Capoeira, que foi uma importante referência no modelo de organização de grandes grupos em Santa Catarina, expandindo também para o Rio Grande do Sul e para o Rio de Janeiro, a partir de 1989. Em 1995, após se desvincular do Grupo Nação, criou o Grupo Aú Capoeira e, juntamente com este, a Companhia de Dança Zumbaê Brasil, onde dirigiu, com alguns de seus alunos, o es-

petáculo Brasil Encantos Mil, apresentado em escolas, teatros, ginásios, shoppings e em outros locais de diferentes cidades de Santa Catarina.

Ministrou aulas de capoeira em diversos locais de Florianópolis, como nas academias de luta Bodokan e Wadocan, no SESC da Prainha e em escolas, associações de bairro e espaços privados. Em São José ministrou aulas no Clube 1º de Junho. Atualmente desenvolve suas atividades no Espaço Transcultural Aruandê, criado em 2018, em sua própria residência que fica no Bairro Armação, ao sul de Florianópolis, também conhecida como “Ilha da Magia”.

## **O CONTEXTO DO RACISMO**

Mestre Pop, hoje com setenta anos, dedicou a maior parte de sua vida ao ensino da capoeira em Santa Catarina, um dos estados brasileiros com um dos maiores índices de racismo no Brasil, segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2021. Como pudemos acompanhar por meio desta entrevista, seu relato apresenta episódios relacionados à discriminação racial, à infância negada e ao machismo. É dramático constatar que esse é um recorte que transcende a vida e a história do Mestre Pop.

Tínhamos um projeto social envolvendo o público infantil e recebemos a informação de que um pastor tinha orientado uma família para que as suas crianças não frequentassem mais a capoeira. O argumento do pastor era que a capoeira era uma coisa maligna, coisa do demônio.

(...) Isso aí é preconceito religioso, não é? Foi uma experiência assim bem interessante. Considero que foi uma discriminação da cultura da capoeira a partir da percepção religiosa (Mestre Pop).

O primeiro relato feito por Mestre Pop incide sobre intolerância religiosa, em uma situação que aconteceu na escola onde Mestre Pop era professor de capoeira, envolvendo pais de alunos que eram evangélicos. Isso demonstra que, apesar das religiões de matrizes africanas serem um legado da comunidade negra na constituição da cultura brasileira, relatos como os de Mestre Pop ainda são recorrentes.

A desqualificação da cultura africana pelas elites e por segmentos conservadores e reacionários da sociedade brasileira abarcou também a capoeira, já que esta sempre esteve associada a matrizes culturais de origem afro-brasileira. A despeito de violentos processos de repressão e de criminalização, a perpetuação da capoeira é resultado de um ininterrupto movimento de resistência e de insurgência que a transformou em patrimônio cultural imaterial da cultura brasileira e de toda a humanidade.

No início deste ano de 2023, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva sancionou a equiparação do crime de injúria racial ao crime de racismo, assim como sancionou a Lei de proteção à liberdade religiosa. A partir do início deste ano a pena prevê de 2 a 5 anos para quem impedir ou empregar violência às manifestações religiosas, sendo que a pena pode ser aumentada caso seja feito por duas ou mais pessoas, além de pagamento de multa.

No Brasil temos o Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa, 21 de janeiro, instituído pela Lei Federal nº 11.635, de 2007, que, por sua vez, faz parte do calendário cívico da União. É importante destacar que em 2022 ocorreram 1.200 ataques às instituições religiosas de matriz africana, representando um aumento de 45%, quando comparado a 2020, segundo dados do Ministério dos Direitos Humanos.

Quando indagado sobre discriminação racial, Mestre Pop fez alguns relatos sobre a sua infância desprotegida e como isso marcou sua vida. Proveniente de uma família pobre, Mestre Pop relata que passou por situações discriminatórias relacionadas as características identitárias da população negra. Cabe aqui destacar dois elementos: Primeiro, sua lembrança de uma infância recheada de preconceitos; segundo, o desconforto que sentia quando desdenhavam do seu cabelo *black power*.

(...) Quando criança, morava em Campo Grande e minha família era economicamente pobre. Minha mãe de origem afro e meus tataravós eram africanos, eu não tinha a compreensão, um entendimento da discriminação que rolava na escola. Por exemplo, em relação ao meu cabelo, que antigamente era mais crespo, mas que agora que estou ficando velho, ele está ficando mais liso, eu me sentia discriminado quando meus colegas de sala me chamavam de nego cinzento. Eu nem sabia o que significava ser um nego cinzento (Mestre Pop).

A questão racial é considerada o fio condutor entre a infância escravizada do século XIX e a criminalização da juventude nos dias atuais, pois é na infância que acontece os primeiros relatos sobre racismo. Na obra, “História Social da Infância e da Família”, Phillipe Ariès (1978) descreve como o conceito de infância evoluiu com o passar do tempo, uma vez que até o século XII não existia nas sociedades ocidentais um conceito de infância estabelecido. As crianças eram percebidas como pequenos adultos e eram desconsideradas as especificidades que esta fase de desenvolvimento contém.

A questão central dessa discussão acerca da negação da infância, a despeito dos avanços consolidados nas ciências e nas práticas médicas, as crianças são sujeitas às condições de vulnerabilidades e precisam de atenção específica do Estado e das famílias. Entretanto, quando nos remetemos a uma sociedade de classe de base escravagista, como é o caso do Brasil, mesmo com a existência de uma legislação específica, as crianças negras e pobres são as maiores vítimas do sistema. Como demonstram os dados do UNICEF (2021, p. 4): “o número anual de mortes violentas de crianças com idade entre 0 e 4 anos aumentou 27%. Meninos negros foram a maioria das vítimas em todas as faixas etárias.” Os dados da realidade indicam que a necessária proteção da infância, garantida pela Constituição Federal, não alcança as crianças negras e as mais pobres.

Viviane Santiago produziu um material pelo Geledés - Instituto da Mulher Negra para subsidiar as ações do projeto “Primeira Infância no Centro: garantindo o pleno desenvolvimento infantil a partir do enfrentamento do racismo” intitulado de *Infância Negra: uma reconstrução necessária* (2022). A referida autora explicita que “desde muito cedo, as crianças negras são representadas a partir de um conjunto de imagens e expressões que associam sua existência ao escárnio, ao satanizado, ao hediondo, ao não valor” (Santiago, 2022, p. 11).

A capoeira é um movimento sociocultural capaz de acolher e possibilitar às crianças negras novas vivências, como pode também auxiliar na construção de identidades positivas entre jovens e adolescentes que desde muito cedo sofrem com o preconceito racial. Quando pensamos

a capoeira como uma prática pedagógica inserida em espaços formais de educação, como na Educação Física escolar, por exemplo, devemos levar em consideração a diversidade de vertentes, de métodos e de procedimentos que contribuíram para que ela se tornasse uma complexa manifestação da cultura corporal que engloba de forma inextrincável a luta, o jogo, a dança, a música e a brincadeira.

Além disso, antes mesmo de qualquer debate político ou acadêmico sobre o assunto, a capoeira já era, em sua vivência e ensino, um meio excepcional de ação afirmativa da identidade brasileira, em especial aquela produzida pela experiência do negro no Brasil (Oliveira; Leal, p. 58, 2009).

Mestre Pop sentiu na “pele” esse processo de negação da criança negra, quando relata que não podia entrar na casa das pessoas onde sua mãe trabalhava. Essa foi uma memória resgatada no final da entrevista, porém, diz muito sobre o que é ser uma criança negra no Brasil.

O racismo na infância é uma preocupação significativa para a construção e a afirmação da identidade negra. As crianças negras no Brasil enfrentam várias formas de racismo e discriminação decorrentes do cultivo institucionalizado de um padrão eurocêntrico de estereótipos no qual não incluem as crianças negras. Além disso, elas sofrem com a desigualdade social e educacional que, por sua vez, promovem impactos negativos duradouros em seus processos de formação e de desenvolvimento intelectual e social. Além disso, a ínfima representatividade de figuras históricas negras e a quase ausência de conteúdos culturais de origem africana nos currículos escolares pode afetar a identidade e o senso de pertencimento das crianças negras.

Assim como explica Viviane Santiago (2022, p. 11) sobre a construção imagética da criança negra.

É com a atribuição do valor à infância que iniciam as representações e registros imagéticos infantis. Com a infância negra esse processo se estabelece de maneira perversa: as crianças negras são representadas sempre a partir do lugar do heidendo, de uma perspectiva animalizada, frequentemente associada ao sadismo e despudor.

Não por muito tempo, políticas educacionais vêm sendo aplicadas no sentido de desconstruir imagens depreciativas da população negra no Brasil, inclusive de crianças negras que frequentemente são menos-prezadas ou subestimadas nos livros didáticos, apesar de se considerar que “o livro didático produzido a partir da década de 1990 passou por modificações qualitativas relacionadas, principalmente, com a mudança na perspectiva historiográfica brasileira” (Oliveira; Leal, p. 65, 2009). Considerando que a escola é um campo de disputas, existe a possibilidade de enfrentamentos e de desconstruções de preconceitos e discriminações envolvendo a população negra. Para que isso ocorra, torna-se necessário que as ações institucionais levem em consideração que a estrutura social brasileira foi construída sob a égide do racismo estrutural, sendo imperativo reconhecer que, historicamente, a própria educação escolarizada muitas vezes reproduz e perpetua estereótipos racistas. O enfrentamento do racismo estrutural passa, portanto, entre outros fatores, pela valorização e celebração da diversidade étnica e cultural no interior das instituições educacionais.

No caso da Educação Física escolar, a valorização da diversidade étnica e cultural pode ocorrer a partir da incorporação intencional, criteriosa e sistemática de atividades e práticas que tematizem e enfatizem aspectos definidores das culturas negro-africanas, dentre eles a oralidade, a cooperação e a interdependência entre pessoas de uma mesma comunidade e a ênfase na expressividade corporal. Práticas corporais edificadas a partir de referências culturais africanas, como o maculelê, a capoeira, o maracatu, o caboclinho, o tambor de crioula, dentre outras, certamente podem contribuir para ampliar a representatividade da cultura africana e, ainda, subsidiar criticamente o combate a estereótipos que persistem em desqualificar ou mesmo desprezar traços fenotípicos da população negra, como o cabelo crespo e a cor da pele.

Mestre Pop sentiu “na pele” as consequências desse processo de discriminação baseado na cor da pele ou no tipo de cabelo que constantemente são enquadrados no estereótipo de pessoas perigosas e/ou criminosas.

(...) Como mestre de capoeira, eu senti isso também. Quando eu comecei a dar aula no Educandário 25 de Novembro, a convite do professor Nóbrega Fontes, vinculado à Secretaria de Cultura de Florianópolis, eu fazia parte do movimento hippie e tinha um cabelo *black power*, bem grande e tal, e eu percebia uma desconfiança dos diretores, dos professores e dos monitores em relação a minha pessoa por causa da minha aparência. Agora, eu não sei se era por causa da característica mais pra negro, né, ou se era por causa da vestimenta hippie que eu usava (Mestre Pop).

Diversos estudos, como o de Santos (2019) e o de Gomes (2016), tratam do processo de ressignificação do cabelo crespo e da construção da identidade negra, especificamente de meninas e de mulheres negras. O cabelo crespo e as características fenotípicas foram por muito tempo utilizados como fatores de desmoralização, de animalização e de inferiorização das pessoas negras, entretanto, as lutas e os enfrentamentos políticos e culturais acabaram utilizando essas mesmas características como símbolos de poder e de elevação da autoestima. Gomes (2016) nos diz que,

O cabelo e o corpo são pensados pela cultura. Nesse sentido, o cabelo crespo e o corpo negro podem ser considerados expressões e suportes simbólicos da identidade negra no Brasil. Juntos, eles possibilitam a construção social, cultural, política e ideológica de uma expressão criada no seio da comunidade negra: a beleza negra. Por isso não podem ser considerados simplesmente como dados biológicos (Gomes, p. 2, 2016).

O cabelo *Black Power*, por exemplo, foi um desdobramento do movimento negro americano dos anos 1960, em que o ato de deixar os cabelos naturais era associado à militância política antirracista.

## **O CONTEXTO DAS RELAÇÕES DE GÊNERO**

A relação de gênero e o comportamento muitas vezes “arrogante” também saltam às palavras de Mestre Pop, reconhecendo e lembrando como era o comportamento com sua ex-companheira e com os seus alunos e alunas. Reconhecendo, inclusive, essa relação do poder que exercia sobre mulheres e alunas, que existia dentro e fora da roda de capoeira. Porém, “a afirmação contínua e repetida da capoeira e de seu contexto

de insurgência como próprios de um suposto universo masculino corresponde à história única que consagra o protagonismo de homens e silencia a existência de mulheres” (Fialho, p. 282, 2019).

É o que mais eu constato. Partindo primeiro de mim, hoje eu reconheço isso na relação com meus alunos, com meus filhos. Com essa coisa autoritária, machista, entendeu, quem manda sou eu, entendeu? Tipo não tem conversa. Esse machismo idiota é fruto de uma relação de força, de poder, entendeu? (Mestre Pop).

Zonzon (2015), em sua pesquisa de metodologia de base etnográfica sobre tradição, gênero e capoeira, investigou vários grupos de capoeira e identificou que existia, sim, um número significativo de mulheres, porém, as atividades que elas realizavam não eram as mesmas realizadas pelos homens. Elas não tocavam berimbau, não puxavam cantigas e permaneciam menor tempo no jogo da roda. Relacionando com o trecho da fala do Mestre Pop, entendemos que seu comportamento não é uma questão isolada e que por muitas vezes isso causa o afastamento das mulheres das rodas de capoeira, como foi identificado por Zonzon (2015, p.18).

Ora, o afastamento da capoeira foi evocado por muitas delas como consequência de uma série de afastamentos vivenciados no cotidiano do grupo em que eram alunas. Isso é a necessidade constante de “brigar pelo gunga, ou para cantar uma ladainha”, “a estreiteza das contas para as mulheres na capoeira”, a luta (em vão) para conquistar meu lugar neste espaço de macho” traduziram-se por sentimento de “cansaço”, “indignação” e “revolta”.

A realidade concreta da participação das mulheres na roda de capoeira é atravessada por situações embaraçosas de discriminação que refletem o machismo e o sexismo vigentes na sociedade brasileira como um todo. Em decorrência disso, a maioria delas termina se afastando da capoeira, fato que pode ser facilmente constatado quando se verifica um reduzido número de mestras e professoras atuantes nesse contexto.

Quando Mestre Pop cita o movimento feminista e o pensamento revolucionário, ele deixa evidente a importância dessas lutas no seu processo de formação na/com a capoeira e na elevação do nível de sua humanidade. Deixa transparecer, ainda, o quanto o acesso ao conheci-

mento científico e às experiências positivas contribuem para qualificar a prática cotidiana.

A gente que tem uma visão mais revolucionária, acompanha o debate histórico da luta do movimento feminista contra esse machismo exacerbado do homem, não só politicamente, institucionalmente, mas, também, pessoalmente. Não é por acaso que o movimento feminista, um movimento organizado de combate ao machismo, ganha força institucional nos últimos anos (Mestre Pop).

Como liderança de um campo eivado de contradições, como é o caso da capoeira, é salutar que o Mestre Pop reconheça o avanço institucional promovido pelo movimento feminista, resultado de um desdobramento das lutas das mulheres por melhores condições de vida em todos os aspectos sociais e econômicos e que, como pudemos perceber, chegou também à capoeira. Porém, “assim como o movimento feminista negro tinha a intenção de tirar a mulher negra do lugar de subalternidade, o feminismo angoleiro busca contribuir para que as capoeiras também sejam retiradas desse lugar de inferioridade” (Camões, p. 68, 2019).

Mestre Pop comenta acerca do seu comportamento com sua ex-companheira, e com outros capoeiristas, mas, ressalta que, hoje, seu comportamento é diferente, tanto com as mulheres, quanto com os capoeiristas da Ilha. É preciso reafirmar, ainda, que o mundo da capoeira é machista e sexista e nele desaguam os dilemas e desafios da sociedade em geral. E quando o Mestre Pop faz essa reflexão do machismo político e institucional, demonstra um avanço da concepção crítica acerca da participação equitativa de mulheres e homens na capoeira.

E aí estudando isso, eu percebi, o meu machismo na relação com a minha ex-esposa, Serena. Numa relação em que eu deveria ser mais racional, mais lógico, eu era extremamente mais emocional. Mas, segundo esse estudo, a emocionalidade é uma característica mais feminina do que masculina (Mestre Pop).

Apesar de Mestre Pop ter reconhecido que em muitos momentos pode ter agido de forma machista dentro e fora da capoeira, o que cabe ressaltar avanço, o fato de mencionar a emocionalidade como uma característica feminina demonstra equívocos acerca da construção das relações de gênero na sociedade brasileira. Lamentavelmente, ainda

existe no imaginário social estereótipos que fortalecem o machismo e o patriarcado. Por exemplo, pensar que o homem é mais racional, enquanto as mulheres são mais emocionais é uma forma de desqualificar a mulher, como se essas qualidades fossem exclusivas de um ou de outro gênero.

Fialho (2019) acrescenta que a capoeira, na sua origem, por sofrer influência tanto do colonialismo, quanto do patriarcado, acabou por engessar concepções de gênero que são enraizadas do universo masculino. Nesse sentido, a autora defende a tese de que

(...) as relações de colonialidade, em seu viés patriarcal e masculinista, bem como racista, trouxeram para a Capoeira, nos processos tanto internos quanto externos de produção de narrativas, perspectivas engessadas das relações de gênero, desconsiderando sua racialização, que acabaram por ocultar a presença de mulheres negras na sua história (Fialho, p. 40, 2019).

A capoeira, em todo seu processo de construção e criação, também passou por ressignificações na sua prática e tradições, mostrando que a mesma pode ser aliada na luta contra o preconceito racial e contra a misoginia que, estruturalmente, estão presentes na construção da sociedade brasileira.

Diante disso a entrevista com Mestre Pop deixa evidente que o processo de criação e de humanização é histórico e que se torna fundamental o acesso à informação para podermos criar outros tipos de relações sociais que valorizem a história material e cultural brasileira.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A trajetória do Mestre Pop na capoeira foi salpicada de situações de preconceitos e discriminações e essas se entrecruzaram com a sua condição de vulnerabilidade imposta pela pobreza e pela escassez de políticas sociais. Essas condições sociais, aliadas a uma série de privações, terminaram moldando o comportamento do Mestre Pop ao longo de sua trajetória.

Seus depoimentos apontam que, se os processos discriminatórios e de preconceito abrangem várias dimensões de sua vida, somente o

acesso ao conhecimento filosófico e científico, acompanhado de ações concretas de enfrentamento dessa nefasta realidade, pode contribuir para a sua superação.

A capoeira foi por muito tempo proibida no Brasil, o que auxiliou no processo de marginalização de sua prática. Mas, o racismo estrutural, que opera de forma institucionalizada, nas relações econômicas, culturais e pessoais, faz com que ainda nos dias atuais, ser mestre de capoeira seja um ato revolucionário e de resistência.

## REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. **História social da infância e da família**. Tradução: Dora Flaksman. Rio de Janeiro: LCT, 1978.

CAMÕES, L. S. **Elas jogam, tocam e cantam**: práticas e discursos sobre a experiência histórica de mulheres capoeiristas no Pará. Dissertação (Mestrado em Estudos Antrópicos na Amazonia), Universidade Federal do Pará, Castanhal – Pará, 2019.

FIALHO, P. J. F. **Mulheres Incorrigíveis**: capoeiragem, desordem e valentia nas ladeiras da Bahia (1900-1920). Tese (Doutorado em História) – Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

GOMES, N. L. Corpo: cabelo como símbolos da identidade negra. *In*: FIGUEIREDO, A., CRUZ, C. (Orgs.). **Beleza Negra**: representações sobre o cabelo, o corpo e a identidade das mulheres negras. Cruz das Almas: EDUFRB; Belo Horizonte: Fino Traço, 2016. Coleção UNIAFRO; v. 16. p. 41-52.

OLIVEIRA, J. P.; LEAL, L. A. **Capoeira, identidade e gênero**: ensaio a história social da capoeira no Brasil. Salvador: EDUFBA, 2009.

SANTIAGO, V. **Infância Negra**: uma reconstrução necessária. Geledés - Instituto da Mulher Negra. São Paulo, 2022.

SANTOS, D. B. **Para além dos fios**: cabelo crespo e identidade negra feminina na contemporaneidade. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2019.

UNICEF. **Panorama da violência letal e sexual contra crianças e adolescentes no Brasil**. Brasília, DF: Fundo das Nações Unidas para a Infância – Unicef Brasil, São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, out. 2021.

ZONZON, C. N. Gênero, malícia e tradição. *In*: SIMPLÍCIO, F.; POCHAT, A. (orgs.). **Pensando a capoeira**: dimensões e perspectivas. Salvador: MC&G, 2015.

Contato autor principal:  
joseluizfalcao@hotmail.com